

10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

GLOBALIZAÇÃO E RELAÇÕES DE CONSUMO: AS FACES DE UM ESTADO CONTEMPORÂNEO

Rodrigo Cristiano Diehl¹

Alcione Almeida²

SUMÁRIO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS; 1 RELAÇÕES DE CONSUMO E A CONTRIBUIÇÃO DO AVANÇO TECNOLÓGICO; 2 A GLOBALIZAÇÃO E A NOVA ESTRUTURA DAS RELAÇÕES SOCIAIS; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

RESUMO

O processo de globalização e o mundo capitalista neoliberal acabam por fomentar uma ideologia maciça baseada nas relações de consumo, onde esse fenômeno é posto como uma perversidade resultante das mazelas cultivadas pelo consumo desenfreado demonstrando um retrocesso na evolução humana, em que se verifica a perda da identidade do indivíduo as custas das tendências ditadas por um grupo como tidas como corretas, com a finalidade de alcançar a satisfação pessoal. Ocorre, que essas tendências culturais geraram grandiosas transformações na sociedade em razão da forma que a informação é utilizando impactando de forma contundente os mais excluídos socialmente e as crianças e adolescentes. Diante desse contexto, com a presente pesquisa, tem-se a finalidade compreender o processo de globalização e das relações de consumo a partir de uma (re) análise necessária enquanto mecanismo de aperfeiçoamento e de reflexão sobre uma sociedade multicultural e informacional. Desse modo, questiona-se: quais são as perspectivas e os desafios à sociedade multicultural e informacional na necessária (re) análise do fenômeno da globalização e das relações de consumo? Para a construção do estudo, no primeiro capítulo, preocupa-se em compreender as relações de consumo na contemporaneidade realizando um diálogo com a educação e as novas tecnologias com a principal finalidade de aumentar o nível de consciência dos indivíduos para que possam enfrentar os desafios do mercado atual, no segundo capítulo, parte objetiva-se analisar essa mesma globalização relacionando-a ao estado de consumo em que se vive, onde lhe são atribuídas às incertezas e inseguranças de todos os indivíduos, e com isso, essa determinada ideia e vontade de consumo incontável a partir das contribuições de Zygmunt Bauman e Milton Santos. No caminho a ser percorrido para a correta construção do presente estudo, utilizar-se-á, utiliza-se o método dedutivo como método de abordagem, que desenvolve-se sobre o processo de globalização e das relações de consumo em âmbito geral para a necessária (re)análise desses fenômenos para o aperfeiçoamento da sociedade multicultural enquanto caso específico por intermédio do método de procedimento funcionalista. No que concerne às técnicas, o

¹ Doutorando, Mestre e Graduado em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul, ambos com bolsa Prosuc/Capes. Mestrando em Política Social e Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal de Santa Maria e em Direito Constitucional e Administrativo pela Universidade Estácio de Sá. Bacharelado em Administração Pública pela Universidade Federal do Pampa. Consultor e avaliador de revistas científicas. Pesquisa temáticas voltadas a integração latino-americana, acesso à justiça, cidadania, tráfico internacional de pessoas, seguridade social e políticas públicas. Advogado OAB/RS nº. 102.775. E-mail: rodrigocristianodiehl@live.com

² Mestre em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul –UNISC, Especialista em Controle da Gestão Pública pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Graduado em Direito pelo Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, Procurador Jurídico do Município de São Martinho da Serra- RS. Advogado.



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

aprofundamento do estudo realiza-se com base em pesquisa bibliográfica, baseada em dados secundários, como por exemplo, livro, artigos científicos, revistas e períodos qualificados dentro da temática proposta.

Palavras-chave: globalização; relação de consumo; sociedade informacional.

ABSTRACT


The process of globalization and the neoliberal capitalist world end up fostering a massive ideology based on consumer relations, where this phenomenon is seen as a perversity resulting from the ills cultivated by unbridled consumption, demonstrating a regression in human evolution, in which there is a loss of identity of the individual at the expense of the tendencies dictated by a group as considered correct, in order to achieve personal satisfaction. It happens that these cultural trends have generated great transformations in society because of the way that information is used impacting the most excluded socialmente and children and adolescents. In this context, the purpose of this research is to understand the process of globalization and consumer relations based on a necessary (re-) analysis as a mechanism for improving and reflecting on a multicultural and information society. In this way, the question is: what are the perspectives and challenges to the multicultural and information society in the necessary (re) analysis of the phenomenon of globalization and consumer relations? For the construction of the study, in the first chapter, it is concerned with understanding consumer relations in the contemporary world by conducting a dialogue with education and new technologies with the main purpose of raising the level of awareness of individuals so that they can face the challenges of the market, in the second chapter, the objective is to analyze this same globalization by relating it to the state of consumption in which one lives, where they are attributed to the uncertainties and insecurities of all individuals, and with that, this particular idea and will of uncontrollable consumption from the contributions of Zygmunt Bauman and Milton Santos. In the way to be covered for the correct construction of the present study, it will be used, the deductive method is used as a method of approach, which is developed on the globalization process and consumer relations in general scope for the necessary (re) analysis of these phenomena for the improvement of the multicultural society as a specific case through the method of functionalist procedure. As far as techniques are concerned, the study is carried out based on bibliographic research, based on secondary data, such as books, scientific articles, periodicals and qualified periods within the proposed theme.

Keywords: globalization; information society; consumer ratio.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O processo de globalização e o mundo capitalista neoliberal acabam por fomentar uma ideologia maciça baseada nas relações de consumo, onde esse fenômeno é posto como uma perversidade resultante das mazelas cultivadas pelo consumo desenfreado, demonstrando um retrocesso na evolução humana, em que se verifica a perda da identidade do indivíduo as custas de um grupo, ou melhor, das tendências que esse grupo determina como corretas com a finalidade de alcançar a satisfação pessoal.

Nessa perspectiva, com este artigo tem-se a finalidade compreender o processo de globalização e das relações de consumo a partir de uma (re) análise necessária enquanto mecanismo de aperfeiçoamento e de reflexão sobre uma sociedade multicultural e informacional. Desse modo, questiona-se: quais são as



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

perspectivas e os desafios à sociedade multicultural e informacional na necessária (re) análise do fenômeno da globalização e das relações de consumo?

Para responder a tal problematização, o artigo foi dividido em dois momentos, cada um deles corresponde, igualmente, a um objetivo específico, dessa forma, o primeiro preocupa-se em compreender as relações de consumo na contemporaneidade realizando um diálogo com a educação e as novas tecnologias com a principal finalidade de aumentar o nível de consciência dos indivíduos para que possam enfrentar os desafios do mercado atual.

Na sequência, na segunda parte objetiva-se analisar essa mesma globalização relacionando-a ao estado de consumo em que se vive, onde lhe são atribuídas às incertezas e inseguranças de todos os indivíduos, e com isso, essa determinada ideia e vontade de consumo incontável. Em razão desse fenômeno a contribuição de Zygmunt Bauman e Milton Santos será essencial para a construção do tópico, especialmente, quando realiza um diálogo entre a atual conjuntura mundial e a precarização das relações sociais, isto é, a sua liquidez.

Para a correta construção do trabalho utiliza-se o método dedutivo como método de abordagem, que desenvolve-se sobre o processo de globalização e das relações de consumo em âmbito geral para a necessária (re)análise desses fenômenos para o aperfeiçoamento da sociedade multicultural enquanto caso específico por intermédio do método de procedimento funcionalista. No que concerne às técnicas, o aprofundamento do estudo realiza-se com base em pesquisa bibliográfica, baseada em dados secundários, como por exemplo, livro, artigos científicos, revistas e períodos qualificados dentro da temática proposta.

1 RELAÇÕES DE CONSUMO E A CONTRIBUIÇÃO DO AVANÇO TECNOLÓGICO

Diversos são os fatores que fazem pensar a respeito da condição do sujeito na pós-modernidade, em especial, a influência da educação na autonomia individual e coletiva. A cada ano que passa o ser humano tem necessidade de tomar consciência da expansão tecnoeconômica que está espalhada por todo globo terrestre, bem como, também saber que vive na era planetária, constituída por uma



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito


comunidade de destinos sobre a Terra, isto é, essa comunidade ou população que decidirá o futuro do planeta de acordo com suas ações tais como: a dispersão de armas nucleares, guerras por petróleo, a degradação da biosfera, outros problemas também surgem a partir desse contexto, como a pobreza, a miséria, o desemprego, a baixa qualidade da educação e no ápice de todos os eles está à exclusão social, que traz perigo de morte a humanidade (MORIN, 2005).

Nesse contexto, a grande depressão em que os Estados Unidos da América ingressaram no ano 1929 pode ser considerada como o fenômeno que desencadeou o consumo desenfreado que hoje se percebe em grande parte do planeta, sobretudo em razão da facilidade de acesso à informações e divulgação de novos produtos. A época, como medida para sair da crise, o consumo começou a ser sinônimo de bem estar e era entendido como uma meta prioritária do processo civilizatório, que rapidamente foi absorvido pela sociedade capitalista industrial.

A capacidade aquisitiva dos indivíduos foi então, gradativamente, se transformando em uma medida para (des)valorizar os cidadãos além de ser considerada como fonte de prestígio social. E a partir desse momento, a ânsia de adquirir e acumular bens deixam de ser um simples meio de realização de bem-estar, passando a ser um fim em si mesmo, isto é, o próprio símbolo da felicidade capitalista.

Em linhas gerais, o consumo é classificado como aquilo que o cidadão adquire como forma de satisfação de suas necessidades habituais, isto é, produtos e serviços que servem para a manutenção de uma vida dita normal. Por outro lado, tem-se o consumismo, que diante da atual sociedade de consumo, é o desejo de consumo exacerbado, no qual o indivíduo busca incansavelmente produtos e serviços cada vez mais desnecessários muito em razão da facilidade com a qual se acessa informações sobre determinado produto que alimenta o interesse em tê-lo.

Conseqüentemente, o “consumismo” é considerado como sendo um desejo impulsivo, descontrolado, irresponsável e muitas vezes irracional que geralmente surge de forte evidência a partir da infância ou na pré-adolescência. Uma de suas características, segundo a corrente da psicologia moderna, é que tem sua origem dentro do próprio núcleo familiar, onde, em lares em que os pais trabalham muito tempo fora de casa, procuram compensar esse distanciamento dos filhos, com



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

presentes, e isto acaba por desencadear uma não consciência acerca de consumir produtos.

Nesse contexto, Freire (2006, p. 49), assevera sobre a máxima interferência da reestruturação produtiva na sociedade capitalista, segundo ele:


[...] foi sendo ditada uma nova cultura e ações políticas de inspiração neoliberal no mundo do trabalho, que buscam flexibilizar ao máximo não somente as estratégias de produção e racionalização”, por meio das novas tecnologias, das políticas públicas, dos processos de trabalho, do tempo de giro do capital e inclusive dos padrões de consumo, e de forma igual com os direitos e os compromissos estatais para com a população, conquistados no período anterior.

As novas tecnologias, que surgiram em razão dos avanços tecnológicos das últimas décadas, facilitam ainda mais esse modo de viver baseado nas relações de consumo desenfreadas. Na qual, no transcorrer da história, constata-se que o avanço tecnológico tem como marco referencial a Revolução Industrial, ainda que somente nas últimas décadas tenha passado a influenciar o modo de viver em sociedade, considera-se que a Revolução Industrial inaugurou um novo modelo de sociedade. Segundo Boff e Berton (2011, p. 177), “[...] os avanços tecnológicos influenciam a vida de todos, mesmo daqueles que desejavam permanecer inertes diante da tecnologia”. Assim, não restam dúvidas que as inovações tecnológicas são profundamente identificadas com a ideia de progresso.

A era tecnológica faz com que se volte à atenção para alguns aspectos que levaram o mundo a imensas transformações. Conforme ensina Tauile (2001, p. 38):

Uma ‘revolução tecnológica’ pode ser entendida como um conjunto de novos conhecimentos, procedimentos, instrumentos e técnicas afins que se introduzem e difundem pelas sociedades em determinadas épocas e que impregnam a transformação dessas sociedades em direção a outros estágios, qualitativamente distintos, de seu desenvolvimento econômico e sociocultural. É um conjunto de práticas instrumentais e organizacionais afins que criam uma espécie de padrão de comportamento produtivo e social aceito em um lugar, em uma determinada época.

Em síntese, Tauile (2001) assevera que nos dias atuais, a revolução tecnológica encontra-se predominantemente fundada em transformações propiciadas pelo surgimento e massificação da microeletrônica e pelas tecnologias de informação. Constata-se, pois, que essas revoluções culturais geraram grandiosas transformações na sociedade, não apenas com o surgimento e



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito


propulsão do capitalismo como no modo de relacionar entre as pessoas. O domínio das técnicas tornou-se instrumento das relações de poder na sociedade, o modo de produção capitalista depositou no trabalho o fundamento para a acumulação produtiva.

Nessa conjuntura, esses aspectos auxiliam na compreensão da lógica dos tempos modernos e da conjuntura que estão envolvidas as sociedades multiculturais, visualiza-se uma acelerada transformação tecnológica em comparação com os padrões históricos, a difusão dessas novas tecnologias por todo o sistema econômico, bem como a penetração delas em todo o tecido social (CASTELLS, 2000).

A revolução tecnológica teve impacto, não apenas na economia, como também, na organização social. Do mesmo modo, o avanço tecnológico acabou impulsionando vastas transformações tanto na sociedade quanto no indivíduo, assim, a construção do conhecimento, por sua vez, resultou na produção de bens e serviços que tivessem por finalidade atender às necessidades humanas.

O mercado econômico, por sua vez, adotou uma capacidade de produção, em que a escala e qualidade aumentou gradativamente, por isso considera-se que esse avanço tecnológico pode ser traduzido em uma palavra: progresso. Entretanto, o progresso trouxe consigo exclusão, concentração de renda e subdesenvolvimento dos países e das populações. Parece, que ao analisar-se a história, o progresso acabou perdendo seu rumo, pois os países mais avançados da Terra “[...] produzem armas de impensável poder de destruição ao mesmo tempo em que desenvolveram – e divulgam globalmente pelos meios de comunicação – uma cultura que se compraz com imagens de extrema violência” (DUPAS, 2006, p. 12)

De acordo com os ensinamentos de Dupas (2006), a ideia de progresso resultou de uma ação coletiva dos homens, para que a civilização caminhasse em direção a uma melhoria de vida. Ocorre que a ideia de progresso pode ser representada, também, como um retrocesso ou declínio, a exemplo disso destacam-se as duas guerras mundiais, em que o mundo vivenciou o risco da tirania, do militarismo, do culto à tecnologia, da burocratização, dos ataques nucleares, totalmente desnecessários à evolução humana. Muita coisa poderia ter sido evitada, conforme questiona Dupas (2006, p. 71), “[...] como teria sido a eventual decisão de



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

não fabricar a bomba nuclear, apesar de dominar o clico atômico completo. Ou pelo menos, de não lançá-la sobre Hiroshima e Nagasaki”.

Argumenta-se que o conceito de progresso pode se dar de maneira diversa em função do período histórico e da forma de governo adotada, no qual o progresso poderia ser tido como um conceito comparativo, vez que:

[...] Para os atuais fabricantes de telefones celulares e telas de plasma, *progresso* significa conseguir transformar esses aparatos eletrônicos em objetos de desejo do maior número de pessoas. Para obter esse resultado, a manipulação midiática induz o indivíduo a acreditar que ele será muito mais feliz se substituir seu aparelho de TV (DUPAS, 2006, p. 95).

Do mesmo modo Boff e Berton (2011) acreditam que aqueles países com maior desenvolvimento tecnológico, além de produzirem bens e serviços em alta escala, exercem uma enorme dominação sobre os povos menos desenvolvidos e dependentes de tecnologia. Assim, as atenções voltam-se ao consumidor, que com acesso a informação, acaba fazendo uso da tecnologia para atender as suas necessidades.

Contudo, importante o questionamento de Dupas (2006, p. 103) “[...] quanto desse progresso poderemos suportar? O excesso de conhecimento e de razão não é uma sobrecarga excessiva às estruturas psíquicas do ser humano?”. Na tentativa de explicar tais questionamentos, o autor constata que:

Nietzsche discorria sobre o homem como um “animal não fixado”, em contínuo processo de acabamento por meio da produção de cultura. Diante do relâmpago, ele foi capaz de passar da oração ao pára-raios, reduzindo seu medo e limitando o risco. A mesma técnica e o conhecimento que nos criam blindagens, próteses, espaços protetores e roupas de abrigo também nos tornam dependentes deles e nos criam novos e imensos riscos. O que, obviamente, não significa concluir que é preferível viver na ignorância. (DUPAS, 2006, P. 103)

As novas tecnologias possibilitaram, por sua vez, o aumento gradativo do consumo, levando a uma sociedade extremamente consumerista em que as práticas de consumo acabaram moldando as relações dos indivíduos. A produção passou a ser desenhada de modo a atrair o consumidor, utilizando-se de uma série de subterfúgios para aumentar o contato com a variedade de produtos a disposição do consumidor (BOFF; BERTON; 2011).

O avanço da tecnologia da informação e da comunicação aumentou expressivamente as aspirações de consumo da população, inclusive dos excluídos.



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito


Os excluídos tornaram-se o alvo do capitalismo global, para manter as taxas de acumulação de riquezas, é necessário que a população pobre também esteja inserida no mundo consumerista.

A maneira como a informação é repassada às pessoas influencia significativamente na eleição de suas necessidades para a sua satisfação. Eis aí, um papel verdadeiramente distorcido da informação, pois as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Do mesmo modo, “[...] o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde” (SANTOS, 2002, p. 39). Conclui-se, portanto, que a informação tem duas faces, uma pela qual ela busca instruir e a outra que busca convencer. Reside aí, o papel da publicidade, especialmente na busca pelo consumo.

Nessa perspectiva, consumir tornou-se sinônimo de felicidade. De acordo com Bauman (2004), o consumo deve imperar, por isso, toda forma de vida que opte pela “economia de não-mercado” é anormal. Assim, à medida que o mercado atrela a felicidade por meio do consumo de produtos que podem ser substituídos, corre-se o risco de a felicidade tornar-se algo inalcançável. Então, “[...] a solução é continuar comprando, com a esperança de que a próxima linha de produtos superfáceis de usar ou a nova tendência outono-inverno redima os incansáveis buscadores de felicidade” (FRAGOSO, 2011, p. 112).

Constata-se que o ser humano acabou por se transformando (ou foi assim transformados por toda uma estruturada pré-constituída) em objeto para a busca de lucros incessantes, na qual essa lógica empobrece as relações sociais, acaba por degradar o meio ambiente e o padrão de vida da sociedade multicultural. Como bem destacou Santos (2002), os consumidores são “produzidos” antes mesmo dos produtos.

Nesse novo contexto, ou talvez o atual, mas reestruturado, a relação entre direito, política e mercado passa a ganhar novos contornos frente à realidade dos Estados Democráticos de Direito ao fazer necessária uma significativa revisão de seus fins e conteúdos que o determinam: talvez mais do que em qualquer tempo da história brasileira, este diálogo mostra-se indispensável.



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

O mercado capitalista dispensa suas energias para o ser humano consumidor, tratando-os como objetos de consumo, o que faz com que os valores intrínsecos dos outros como seres humanos singulares comecem a desaparecer gradativamente. Neste processo, Bauman (2004, p. 96) assegura que “[...] a solidariedade humana é a primeira baixa causada pelo triunfo do mercado consumidor”.


Diante do exposto, é oportuno que se analise as consequências dessas relações de consumo desenfreadas no modo com que os indivíduos se relacionam dentro de um contexto multicultural, especialmente inseridos num mundo globalizado.

2 A GLOBALIZAÇÃO E A NOVA ESTRUTURA DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Desde os primórdios da humanidade o conhecimento tem sido também uma tentativa do ambiente e de manutenção de uma determinada relação de equidade entre o homem e o seu meio social. Contudo, nem sempre, nem em toda parte, o saber ficou compreendido como um crescimento, e tão pouco fundou-se na cooperação dando lugar para instituição baseada na colaboração e no uso de linguagem que visasse a universalidade (ROSSI, 2000).

A inovação, nos últimos anos, tem-se mostrado como um mecanismo essencial para garantir o crescimento, a competitividade e a rentabilidade diferenciada para as empresas, especialmente no que se refere à sobrevivência no mundo atual de globalização. Em inúmeros países, “[...] as políticas tecnológicas têm enfatizado programas de cooperação entre os setores público e privado para estimular e apoiar os esforços das empresas, reduzir riscos e maximizar os resultados da capacitação científica constituída localmente” (SANTOS, 2009, p. 42).

Essa globalização que se encontra a comunidade e por consequência o mercado é de extrema importância para a sociedade, uma vez que ela é classificada como uma sociedade de classes, no sentido de constituir uma totalidade em que os indivíduos são aceitos por seu pertencimento de classe, e que a partir disso, desempenhem a função que lhe é atribuída, em razão de sua classe, no e pelo sistema social.




10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

Se o Estado de Bem Estar Social carece de recursos à sua subsistência, desmorona ou é ativamente desmantelado, é porque as fontes do lucro do sistema capitalista flutuaram ou foram carregadas para longe devido à mão de obra fabril com a finalidade de exploração dos consumidores. Inclusive, porque os pobres, “[...] privados dos recursos necessários para responder às seduções dos mercados de consumo, precisam de dinheiro e linhas de crédito (que não são os tipos de serviço fornecidos pelo “Estado de bem-estar social”) para ter alguma utilidade” (BAUMAN, 2013, p. 24).

Devido a rede de autoestradas da informação, aliado ao rápido crescimento, tanto na qualidade quanto na quantidade, todo e qualquer indivíduo, seja ele rico ou pobre, é convidado, tentado e até mesmo induzido a comprar a sua própria sorte com a de todos os demais, especialmente, se tratando de consumo excessivo praticado pelos denominados ídolos públicos com a mensura dos valores que transformam a vida digna de ser vivida pela riqueza que eles exibem. Assim, segundo Bauman (2013, p. 28) “[...] os comerciantes de serviços e bens de consumo anunciam suas mercadorias como remédio garantido contra abominável sentimento de incerteza e as ameaças indefinidas”.

É clara a ligação realizada com o estado de consumo em que se vive, onde lhes são atribuídas as incertezas e inseguranças de todos os indivíduos, e com isso, essa determinada ideia e vontade de consumo incontroláveis, se apresenta como uma forma de suprir o estado em que a sociedade contemporânea está inserida, salvo raras exceções, como por exemplo, países onde há instituído o regime comunista. Então quando alguém se sente inseguro, procura uma forma de compensar este sentimento, e cai no mundo do consumo inconsciente, buscando um substituto para esta situação (BAUMAN, 2013).

Entretanto, essa busca pelo consumo reflete em diversas áreas, mas principalmente no meio ambiente, onde na área do planeta comumente compreendida pela ideia de ‘sociedade’ não há um compartimento reservado ao refugio humano. Mesmo que a sobrevivência biológica fosse identificada e enfrentada de modo efetivo, esse fato não chegaria nem perto de assegurar a sobrevivência social. Não seria suficiente para a readmissão dos redundantes à sociedade de que foram excluídos – da mesma forma que armazenar o lixo industrial



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

em contêineres refrigerados dificilmente seria suficiente para transformá-lo em mercadoria (BAUMAN, 2005).

A globalização é vista por uns como algo bom e por outros como algo ruim, mas para todos é um processo irreversível. Causa de felicidade e infelicidade alheia. Além de ser algo que afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Bauman (1999, p. 8) cita o processo paradoxal da globalização: “A globalização tanto divide como une; divide enquanto une”. De tal modo, num mundo cada vez mais globalizado ser local é sinônimo de privação e degradação social, enquanto a globalização dita as regras do jogo.

Do mesmo modo, a globalização trouxe uma espécie de desestruturação das comunidades locais, não existem mais áreas comuns, que priorizem ao diálogo, o face a face. As elites escolheram o isolamento e pagam por ele com boa vontade. Quanto aos que não tem escolha e/ou não podem pagar por sua segurança, se revoltam, respondendo com agressividade e violência às mesmas (BAUMAN, 1999).

A globalização pode ser caracterizada, justamente, pela ausência de controle, pela perda de referências, pela libertação de um sistema econômico que afugenta toda e qualquer tentativa de controle por parte do poder político. E este descontrole gerou um desajuste, um desequilíbrio entre “[...] o desenvolvimento do mercado e as instituições políticas e jurídicas de caráter global, cuja precariedade é, justamente, base para o avanço de um capitalismo frenético, possessivo e indecente” (CAMPUZANO, 2008, p. 58).

Portanto, para essa nova realidade globalizada, caracterizada pela modernidade líquida e volátil, torna-se importante (re)pensar os conceitos e adequá-los a uma lógica marcada pela incerteza e pela complexidade, torná-lo aptos a estruturar a sociedade atual, baseada nas diferenças e na multiculturalidade que são as sociedades contemporâneas.

Houve o rompimento da economia com o Estado, onde antigamente as nações controlavam as riquezas, nos dias de hoje observa-se uma ruptura entre Estado e mercado. Como exemplo, tem-se empresas globais que demitem pessoas de diversas localidades sem terem prejuízos econômicos, deixando as consequências para o Estado. Além do desemprego, as empresas que estão



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito


construindo empregos em outros países e acabam se esquecendo da população local.

Um exemplo são as fábricas de tênis instaladas em países como a China, onde o custo de produção é menor e os trabalhadores vivem em condições lamentáveis, porém os produtos não deixam de ser vendidos em outras regiões por preços bem diferentes dos utilizados na sua confecção. Esta falta de fronteiras geográficas fez com que as empresas pudessem se utilizar de mão de obra barata, e não se preocupassem com a população local, somente com o seu lucro próprio.

A questão do Estado soberano em tempos de globalização trouxe alguns paradoxos. Existem aqueles que tentam impor ordem dentro do seu espaço, os que tentam desistir dos direitos soberanos e estados que estavam esquecidos e pretendem se tornar um Estado. Todavia, no contexto geral, aconteceu uma morte da soberania dos estados, onde estes não têm recursos suficientes e liberdade para evitar um colapso. Bauman (1999) pondera sobre a fragmentação política e a globalização econômica, onde em tempos de comunicação mundial, por exemplo, a economia e crescimento de um país são ressaltadas na mídia e a pobreza acaba caindo em esquecimento. Ser pobre torna-se sinônimo de passar fome, e outros complexos são ignorados, como as condições de vida, analfabetismo, agressão, famílias desestruturadas, e outros problemas condicionados à pobreza.

Nesse ambiente, atualmente a sociedade está sob um paradoxo, de um lado tem-se o avanço das ciências e das técnicas, e de outro a referência à aceleração contemporânea das vertigens criadas por essa velocidade e pelo progresso que assume. Este é o mundo confuso e confusamente percebido na torre de babel que vive a nossa era globalizada. Sustenta que o mundo é feito de imagens e do imaginário, alicerçado então, a serviço do império do dinheiro: a chamada monetarização da vida social e pessoal.

Há que se considerar os três mundos num mundo só: a globalização como fábula; a globalização como perversidade; e 'por uma outra globalização'. Onde a luz do fim do túnel da sociedade é a busca por uma outra globalização, marcada pela nova interpretação do mundo contemporâneo a partir de um olhar multidisciplinar. Em que o dinheiro e as "informações" (de vezes distorcidas e massificadas) são a base da evolução global, ao mesmo tempo que evidencia o inverso, são condições



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito


de que muitos não dispõem, isto neste cenário de globalização. Todos os aspectos que despontam para a globalização/evolução ou retrocesso devem ser analisados a partir de uma nova interpretação/aceitação (SANTOS, 2002).

Para Santos (2002), de fato, o que se propõe é a construção de uma outra globalização, na qual seja menos excludente. Uma globalização que traga/comporta esperança àqueles em que ela não se evidencia como elemento de uma realidade inclusiva. Uma globalização, a partir de uma nova racionalidade, de um pensamento convergente na construção de um universalismo que contemple à todos iguais condições/possibilidades.

A tirania da informação e do dinheiro e o atual sistema ideológico entre os fatores constitutivos da globalização encontram a forma como a informação é oferecida à humanidade e a emergência do dinheiro em estado puro como motor da vida econômica e social. São duas violências centrais, alicerces do sistema ideológico que justifica as ações hegemônicas e leva ao império das fabulações de acordo com Santos (2002), a percepções fragmentadas e ao discurso único do mundo, base dos novos totalitarismos, isto é, do globalitarismo, a que estamos assistindo. Uma das fabulações é a tão repetida ideia de aldeia global.

O fato de que a comunicação se tornou possível à escala do planeta, deixando saber instantaneamente o que se passa em qualquer lugar, permitiu que fosse cunhada essa expressão. Quando essa comunicação se faz, na realidade, ela se dá com a intermediação de objetos. A informação sobre o que acontece não vem da interação entre as pessoas, mas do que é veiculado pela mídia, uma interpretação interessada, senão interesseira, dos fatos (SANTOS, 2002).

Diante de todo este contexto de globalização perversa, a velocidade das novas tecnologias apenas está ao alcance de um número limitado de pessoas, de tal forma que, segundo as possibilidades de cada um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do mesmo relógio não permite igual economia do tempo. E os mais afetados por esse fenômeno são aqueles excluídos do sistema, onde são obrigados a praticarem um consumo exagerado para sentir-se membros desta rede, entretanto, crianças e adolescentes são atingidos de forma mais brutal, e diante disso, se faz necessária a instituição de uma educação pra o consumo como forma de garantir e viabilizar os direitos humanos e fundamentais mais basilares.



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

As demandas sociais requerem intensas reflexões diante dos fenômenos multiculturais e de diversidade cultural em âmbito local e, desse modo, evitar o acirramento delas é tarefa e desafio de todos os setores da sociedade e do Estado envolvidos na construção e aperfeiçoamento das relações sociais. Assim, as ações estruturadas devem ser focadas no cidadão e no bem-estar da coletividade, por isso compreender para (re)analisar as relações de consumo na globalização torna-se necessária na construção de uma sociedade mais justa para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias atuais constata-se uma humanidade, hipnotizada pelo consumo desenfreado, em que a satisfação pessoal somente se concretiza com o consumo de bens e produtos, que servem, num primeiro instante, para atender as necessidades humanas. Contudo, a relação entre necessidade e desejo de satisfação está muito próxima, e verbaliza-se com um hiperconsumismo, que parece não ter fim.

Diversos são os fatores que fazem refletir a respeito da condição do sujeito na pós-modernidade, em especial a influência das relações de consumo e da globalização. A cada ano que passa o ser humano tem a sensação de que suas necessidades serão eternamente não atendidas, o mundo econômico e capitalista aliena o homem e o faz pensar que somente consumindo atingirá a satisfação pessoal. Sem perceber que é o homem quem vai definir o destino sobre a Terra.

Diante do exposto, há que se pensar em políticas públicas destinadas a uma educação para o consumo e que sejam implementadas especialmente com a participação de crianças e os adolescentes, de modo que não se tornem adultos consumistas. Tais ações devem ou deveriam despertar nos “potenciais consumidores” uma consciência crítica, de maneira que consigam distinguir a necessidade do desejo, aumentando, assim, a responsabilidade social e coletiva. Não restam dúvidas que é a comunidade humana quem decidirá o futuro do planeta de acordo com suas ações presentes, portanto, um consumo consciente é fundamental para a efetivação de direitos fundamentais a todos os cidadãos.



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

É com base na ineficácia do discurso jurídico e na negligência dos gestores públicos com as relações de consumo e os efeitos globalização que agiu com a força motriz para este artigo. Na exata definição que este estudo desferiu novo golpe em um conflito que, sem dúvida, continua após a última linha aqui escrita: a necessidade de voltar os estudos às populações esquecidas e marginalizadas dos processos decisórios e de construção de políticas públicas, dando voz aqueles que um dia foram, e ainda muitos permanecem, silenciados pelo discurso dominante do mercado.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Danos colaterais**: desigualdades sociais numa era global. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

_____. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOFF, S. O.; BERTON, W. S. Relações de consumo no ambiente virtual. In: REIS, J. R.; CERQUEIRA, K. L.; HERMANY, R. **Educação para o consumo**. Curitiba: Multideia, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso**: ou progresso como ideologia. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.


FRAGOSO, Tiago de Oliveira. Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman. **Revista Perspectivas Sociais**, Pelotas, a. 1, n. 1, p. 109-124, março/2011.

FREIRE, Lúcia M. B. **O serviço social na reestruturação produtiva**: espaços, programas e trabalho profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CAMPUZANO, Alfonso de Julios. **Os desafios da globalização**: modernidade, cidadania e Direito Humanos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

MORIN, Edgar. **Terra-Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 2005.



10ª Jornada de Pesquisa e 9ª Jornada de Extensão do Curso de Direito

ROSSI, Paolo. **Naufraágios sem espectador**: A ideia de progresso. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

SANTOS, Marli Elizabeth Ritter dos. **Transferência de tecnologia** - estratégias para a estruturação e gestão de Núcleos de Inovação Tecnológica. Campinas, SP : Komedi, 2009

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TAUILE, José Ricardo. **Para (re)construir o Brasil contemporâneo**: trabalho, tecnologia e acumulação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.